

## **COMUNICAR O CONTEÚDO DA FÉ\***

**Considerações sobre a declaração de Calcedônia e a linguagem teológica, numa leitura a partir da cristologia de Filipenses 2.6-8**

### **COMMUNICATING THE CONTENT OF FAITH**

**Considerations on the statement of Chalcedon and theological language, regarding to an interpretation of the Christology of Philipians 2:6-8**

**Thiago Pinheiro \*\***

#### **RESUMO**

Este trabalho caminha no intuito de realizar pelo menos três movimentos básicos: considerar questões relativas à linguagem e comunicação da fé, pensar a cristologia desenvolvida no concílio de Calcedônia (451) e lançar um olhar exegético sobre o hino cristológico da *kenose* em Filipenses 2:6-8. A partir desses três movimentos, verificar-se-á as distâncias e as aproximações entre o texto paulino e a declaração do quarto concílio ecumênico. Essa verdade afirmada nesses dois relatos aponta para a divindade e humanidade de Jesus. Em uma análise apriorística, notam-se preocupações e elementos próprios nas declarações bíblicas. A teologia pós-apostólica, por outro lado, possui suas próprias preocupações, o que suscita questões que levam a pensar

---

\* Artigo recebido em 25/02/2014 e aprovado para publicação em 21/05/2014.

\*\* Doutorando em Teologia (FAJE); mestre em Ciência da Religião (UFJF); bacharel em Teologia (FATE BH). Bolsista da CAPES.

na existência de um hiato entre a teologia dos concílios e aquela afirmada na Escritura. No entanto, pode-se dizer que existe uma distância significativa entre a teologia do primeiro século e aquela declarada em 451?, ou a igreja pode se assegurar do fato de a tradição se manter harmônica com o texto escriturístico através do Espírito que conduz a sua obra?

**Palavras-chave:** *Kenose*; Calcedônia; Linguagem Religiosa.

## **ABSTRACT**

This work intends to perform at least three basic moves: to consider issues relating to the language and communication of faith, to think the Christology developed at the Council of Chalcedon (451) and launch an exegetical look at the Christological hymn of *kenose* present in Philippians 2:6-8. From these three movements, it will be investigated distances and similarities between the Pauline text and the declaration of the fourth ecumenical council. The truth affirmed in these two theological moments points to the divinity and humanity of Jesus. In an a priori analysis, it will be noticed some concerns and elements in the biblical statements. The post-apostolic theology, on the other hand, has its own concerns, from which raises questions that suggest the existence of a gap between theology developed in the councils and that affirmed in the Scripture. However, could it be said that there is a significant distance between the theology of the first century and that declared that in 451? Or can the church be assured of the fact that the tradition remains harmonious with the scriptural text through the Spirit who guides his work?

**Keywords:** *Kenose*; Chalcedon; Religious Language.

## **Introdução**

Não é tarefa difícil perceber pontos sujeitos à crítica em uma ou outra ideia afirmada por algumas teologias e/ou grupos religiosos, seja por uma questão de suposta incoerência, seja por uma questão de linguagem. Essa implicação concernente à linguagem e verdade no âmbito religioso se agudiza quando as mesmas questões de extrema relevância ganham nuances distintas em cada época. É o que se pode dizer sobre o concílio de Calcedônia e sobre algumas afirmativas do

mesmo referencial contidas na Escritura, como o chamado hino cristológico que apresenta a cristologia da *kenose*, em Filipenses 2:6-11.

Há declarações sobre um mesmo teor doutrinário que se mostram quase que destoantes umas das outras, ao se fazer uso de uma estrutura comunicativa arraigada no espírito de uma época. E isso até se compreende, já que cada era tem as suas nuances, cada fatia da história da igreja corresponde a um pensar teológico igualmente marcado pela história. Os dois grandes blocos doutrinários em questão não fogem à regra.

Como diversas passagens bíblicas e elaborações da teologia cristã, o assunto em destaque não possui interpretação unívoca, e um dos principais fatores é a limitação da comunicação. Pela natureza e propósito deste trabalho, serão evitadas as discursões aprofundadas, ou mesmo as mais ou menos superficiais, sobre quem ou o quê se condenou no concílio etc. De igual modo, evitar-se-á um trabalho exegético abrangente em demasia. Ainda que se mencione um ou outro ponto a mais que extrapole a proposta central, o intuito disso é a problematização da linguagem e/ou referências que lançam luz ao que se pretende expor.

Os esforços desse artigo nascem de uma modesta provocação, não necessariamente intencional, advinda das citações de John Hick e Aloys Grillmeyer referenciadas pelas notas de rodapé 3 e 4, quando afirmam a existência de um distanciamento entre a Escritura e as formulações teológicas. Enfatiza-se, no entanto, que apenas essa colocação em ambos os autores não os transformará em referencial teórico para este artigo; antes, porém, eles podem ser citados com pouquíssima frequência ao longo do texto. Pois, em linhas gerais, nosso fio condutor segue no objetivo de levantar perguntas sobre as relações entre a linguagem do texto paulino em questão e a linguagem do concílio.

## **1. A problemática da linguagem**

Paul Tillich postula que a única expressão genuinamente cristã, já que não poderia ser pensada pelos gregos, é aquela que

aparece no prólogo do evangelho joanino: e o Verbo se fez carne<sup>1</sup>. Igualmente Paulo, em Filipense 2.6-8, narra a descida/esvaziamento do Verbo. Não obstante, é essa mesma preocupação, tida como uma questão de significado extremo e indispensável para a fé cristã, que marca a genuinidade dessa fé: ser Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Essa é a verdade que se instaura como pedra angular do edifício do cristianismo.

É relevante pensar a encarnação do Verbo, ou o esvaziamento daquele que subsistia em forma de Deus, como um fato. Pensar, no entanto, exerce uma demanda comunicativa, o que, por sua vez, requer um arsenal que medeia a compreensão dos interlocutores. E isto diz respeito à linguagem enquanto portadora de significado. Daí, pergunta-se: o conceito se torna concreto com a experiência ou a sucede? Questões assim, no contexto da cristologia desenvolvida no concílio de Calcedônia, são mais pertinentes quando se vê objetivada a experiência em questão, ou seja, a encarnação como um fato. A mera reação subjetiva já traz, por si só, implicações peculiares na dinâmica experiência-conceito. O fator de recepção dessa experiência, a linguagem conciliar e as categorias de pensamento e comunicação conseguem ir a um determinado nível: será que tudo o que se afirma na teologia cabe na linguagem? Ou ainda: será que um dia haverá uma capacidade adequada de se comunicar algo com precisão, sem espaço para as arestas, acerca da fé? E mais além: há uniformidade nas ideias das declarações distantes cultural e temporalmente? Do ponto de vista do conceito, é fácil anuir positivamente a essa pergunta; da perspectiva nominalista, talvez o que esteja em jogo é, por assim dizer, um outro idioma!

No desenrolar da ação comunicativa e da própria dinâmica da teologia como uma "corrente de investigações", levantam-se perguntas ou necessidades que não eram comuns às gerações anteriores. A partir daí, frequentemente aparecem dicotomias entre as Escrituras e a tradição, como se nos concílios não tivesse sido salvaguardado aquilo que deveria ser trazido desde os primórdios da fé. As palavras de John Hick podem ser aplicadas a esse presumido distanciamento da mensagem bíblica, ao considerar que as formulações posteriores são:

Interpretações gerais muito diferentes do Novo Testamento e de sua figura central. Mas isso é de se esperar. Porque quando chegamos a questões religiosamente significativas, não há

---

<sup>1</sup> Cf. TILLICH, 2000, p. 36-37.

especialistas, mas apenas, na melhor das hipóteses, pesquisadores sinceros e honestos que apresentam seus próprios pontos de vista responsabilmente desenvolvidos<sup>2</sup>.

Hick estava certo? Há essa diferença diametral? De fato, os conceitos surgem a partir de outras necessidades, a partir de perguntas conseqüentes. Grillmeier parece concordar com o Hick, ao propor que a pregação apostólica e pós-apostólica se transforma em um dogma carregado de helenismos ao longo de séculos, e ao chegar à seguinte conclusão: “parece que nos distanciamos muito da Bíblia”<sup>3</sup>. Todavia, o próprio Grillmeier propõe que esses conceitos não “decidem sobre a proximidade ou distanciamento da Bíblia”<sup>4</sup>: é aqui que se insere a separação entre o ocorrido e a forma como isso é proclamado ao longo dos tempos! No entanto, em um ou outro aspecto, essa distância é inevitável. Quiçá seja apenas uma questão de cunho conceitual ou terminológico, devido à relação estreita entre experiência e conceito, sendo que as palavras são impotentes diante do poder que milagrosamente fez a Palavra se tornar carne.

É um grande e necessário esforço pensar a cristologia do quinto século através desse viés. De igual modo, não é incorreto ler a Escritura mantendo tais questões em mente. Estudar Calcedônia e a cristologia da kenose na perspectiva da linguagem abre uma possibilidade de compreensão ainda maior. Ambas as cristologias afirmam a mesma verdade; isso pode ser percebido quando colocados o texto paulino e a declaração de Calcedônia lado a lado, estabelecendo os devidos paralelos. Se a encarnação é aquilo que se afirma sobre o que ela é, o mais importante é discutir a linguagem em que ela é afirmada.

## **2. Um referencial para Calcedônia**

Não é temerário dizer que as preocupações presentes no concílio de Calcedônia possuíam um teor que girava ao redor da

---

<sup>2</sup> HICK, 2000, p. 28, 29.

<sup>3</sup> GRILLMEIER, 1997, p. 696. “Parece que nos hemos alejado mucho de la Biblia”. As citações em português de obras que estão em língua estrangeira elencadas nas referências são de tradução livre do autor deste artigo, sendo transcrito o texto em língua original.

<sup>4</sup> GRILLMEIER, 1997, p. 696. “Los conceptos no deciden sobre la proximidad o lejanía de la Biblia”

teologia que se encontra em Filipenses 2.6-8. Essa ideia do esvaziamento é, de fato, uma das principais questões sobre Cristo, pois combina a alta e a baixa cristologia. Pela estreiteza e afirmação similar à cristologia de Filipenses 2, o dogma confirmado em 451 não é uma afirmativa periférica de fé, e a maneira como acontece a pedra fundamental que se afirma ali é o que mais intriga. O grande embate desse concílio se deu em torno da dupla natureza de Jesus: uma tensão tanto cristológica quanto soteriológica, já que, para ser salvador, Jesus deveria ser homem e Deus. Essa ideia pode ser encontrada no *Tomus ad Flavianum*: “nós não poderíamos ter vencido o autor do pecado e da morte, se Aquele que o pecado não pode contaminar e a morte não teve em seu domínio, não tivesse assumido, e feita sua, a nossa natureza”<sup>5</sup>. Isso está imbricado no que se afirma em Calcedônia:

Seguindo, pois, os santos Padres, ensinamos unanimemente que confessamos um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito em divindade, o mesmo perfeito em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, (composto) de uma alma racional e de um corpo; consubstancial ao Pai segundo a divindade, e o mesmo consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, exceto no pecado; gerado antes dos séculos pelo Pai segundo a divindade, e o mesmo nos últimos dias (gerado) por nós e para a nossa salvação, pela Virgem Maria, mãe de Deus, segundo a humanidade. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, único gerado, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação; a diferença das naturezas não sendo de modo algum suprimida por causa da união, a propriedade de uma e de outra sendo, antes, bem salvaguardada, e concorrendo a uma só pessoa e uma só hipóstase; um Cristo que não se fracciona nem se divide em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho, único gerado, Deus-Verbo, Senhor Jesus Cristo; tal como há muito tempo os profetas ensinaram sobre ele, como o próprio Jesus Cristo no-lo ensinou e como o Símbolo dos Padres no-lo transmitiu<sup>6</sup>.

Essas concepções nos mostram que a compreensão sobre Jesus como homem e Deus estava presente, mas faltava uma articulação na linguagem, um “como” para tentar, na melhor das hipóteses, explicitar a humanidade e a divindade de Jesus.

---

<sup>5</sup> LEÃO MAGNO, 449, p. 1.

<sup>6</sup> Declaração de Calcedônia. Cf. SESBOÜÉ, 2002, p. 347.

A despeito de ser na metade de 400 que o debate sobre as duas naturezas de Jesus venha de modo mais bem explicitamente à tona, ele não foi uma questão *sui generis*, é claro, pois os concílios anteriores já fomentavam, por assim dizer, aquilo que inevitavelmente viria a ser discutido na cristologia do quinto século. Ou seja, é longo o percurso teológico até o quarto concílio ecumênico, e é impossível esboçar aqui todos os eventos que tiveram importância para a ocasião. Contudo, cabe mencionar pontos de partida, ou quadros em que o cenário estivesse mais ou menos definido para que as decisões de 451 pudessem ganhar um lugar importante na história da teologia cristã. O contexto mais remoto de toda essa discussão pode ser identificado no primeiro grande concílio. Grillmeier destaca que “na luta contra Nestório, se tem presente o conteúdo cristológico do sínodo de Niceia”<sup>7</sup>. Não apenas os símbolos e as reafirmações de 325 ecoaram em 451, mas também questões de confusão vocabular instaurada por lacunas ou hiatos culturais. O que há nos concílios é uma teologia que pretende alcançar verdades que não são preocupações imediatas da Escritura. O esforço filosófico, então, articulado à tradição, foi de suma importância para que a fé cristã fosse afirmada diante das novas perguntas que iam surgindo no desencadear das articulações dogmáticas.

## **2.1 Tensões em torno da cristologia no quinto século: uma questão de linguagem?**

Uma das manobras para se adentrar à teologia de 451 é através da linguagem/dos termos que se usaram. Conceitos como *ousia*, *homoousios*, *hypostasis* e outros se tornam uma peça de fundamental importância para o estudo de Calcedônia, pois é a partir da linguagem que parte da compreensão receberá elucidções mais criteriosas. Christopher Stead faz um tratado sobre os temas filosóficos da teologia antiga, e acredita que o termo *homoousios*, anteriormente, fazia mais referência à unidade divina do que à distinção de pessoas, e em alguns momentos, a expressão “uma hipóstases” foi usada onde se cabia o termo *homoousios*<sup>8</sup>. Há ainda várias das problemáticas referentes à linguagem que podem ser identificadas. Por exemplo,

---

<sup>7</sup> GRILLMEIER, 1997. p. 693. “En la lucha contra Nestorio se tiene presente el contenido cristológico del sínodo de Nicea”.

<sup>8</sup> Cf. STEAD, 1995, p. 169.

O problema emerge com o fato de que a palavra latina *essentia*, que é o equivalente exato de *ousia*, caiu em desuso. Por isso os teólogos latinos traduziram *ousia* por *substantia*, que é etimologicamente equivalente ao grego "hypostasis". Os latinos, assim, usaram *substantia* para expressar expressarem a unidade divina; os gregos usavam a mesma palavra para confessar as três hipóstases: o Pai, o Filho e o Espírito. Consequentemente, os gregos tenderam a supor que a expressão latina *una substantia* (como "uma hypostasis") negava a Trindade<sup>9</sup>.

Uma grande tarefa seria perceber as nuances em que a linguagem ou os termos usados ao longo da história dos dogmas abriram margem para problemas na cristologia do quinto século, ou talvez um ponto mais explícito em relação ao que se confessa através das declarações. E isso porque, como acredita Grillmeier, o mais urgente seria definir a relação entre as duas naturezas, ou como se dá a unidade, já que Nestório e Cirilo confessam tanto a humanidade quanto a divindade de Cristo<sup>10</sup>.

Como a proposta desse trabalho é tanto abordar os limites da linguagem quanto verificar as proximidades da concepção calcedoniana ao conceito-experiência evidenciado na Escritura, evita-se entrar em maiores detalhes sobre bastidores ou outras informações igualmente importantes em 451, ainda que isso possa ocorrer apenas como um ou outro caráter elucidativo.

### **3. A cristologia de Filipenses 2.6-8**

No decorrer da história, várias foram as interpretações da perícopa na qual se encontra o chamado hino cristológico de Filipenses 2. Já nos primórdios do cristianismo, diversas ideias giravam em torno de quem era Jesus aquele homem que era de mais para ser só homem, e era homem de fato para ser Deus: a divindade e humanidade de Jesus não foram percebidas de maneira singular. Consequentemente, houve uma pluralidade de compreensões do esvaziamento e encarnação

---

<sup>9</sup> STEAD, 1995, p. 160. "The problem arises from the fact that the Latin word *essential*, which is the exact equivalent of *ousia*, fell out of use. Latin theologians therefore translated *ousia* by *substantia*, which is etymologically equivalent to the Greek 'hypostasis'. The Latins thus used *substantia* to express the divine unity; the Greeks used the corresponding word to confess three hypostases: Father, Son and Spirit. Consequently the Greeks were liable to suppose that the Latin *una substantia* (like 'one hypostasis') denies the Trinity".

<sup>10</sup> Cf. GRILLMEIER, 1997, p. 695.



de Cristo, bem como tentativas de entendimento acerca do ser do verbo que se fez carne, e suas respectivas formulações doutrinárias oriundas dessas compreensões e tentativas. As teologias acerca da pessoa de Jesus não mantiveram uma única ênfase, pois ora o enfoque era a divindade, ora a sua humanidade. Não é de se surpreender que essas tensões estivessem presentes em e Calcedônia. Daí o esforço de compreender a teologia de Filipenses 2 e, a partir do texto da Escritura, pensar a cristologia do quarto concílio, à medida que se testa a suspeita de Hick e Grillmeier sobre o distanciamento da Bíblia.

<p>6 ο(λ) ε)ν μορφῆς θεοῦ ὑ(πα)ρξων ου)χ α(ρ)παγο)ν η(γ)ω)σάτο το) εἰ)σῆναι ἰ)σῶσα θε)σ,</p> <p>7 α)λλὰ) ε(αυτο)ν ε)κε)νωσεν μορφ)ν δου)λου λαβω)ν, ε)ν ο(moiw/mati a)nqrw/pwn geno)menoι!</p> <p>8 καὶ) σ)χη)ματι ευ(ρε)θει)ω)ν α)ν)θρωποι) ε)ταπει)νωσεν ε(αυτο)ν geno)menoι) υ(ph/kooj me/xri qa/natou, qa/natou de) staurou)σ.</p>	<p>6 Pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus;</p> <p>7 antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana,</p> <p>8 a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.</p>
--	--

Se a linguagem dos concílios já se mostra um tanto desafiadora para a compreensão, o que dizer da linguagem de Filipenses 2? Ou seja, é pertinente observar algumas aproximações e distanciamentos que as expressões no texto paulino mantêm dos termos na semântica contemporânea? Alguns vocabulários da perícopie recebem maior análise, tanto pelo fato de serem peças fundamentais para a cristologia do quarto concílio, quanto pelo fato de fazerem alusões à sua pré-existência e divindade.

Os primeiros versículos da perícopie, 6 e 7 trazem as expressões: ο(λ) ε)ν μορφῆς θεοῦ ὑ(πα)ρξων ου)χ α(ρ)παγο)ν η(γ)ω)σάτο το) εἰ)σῆναι ἰ)σῶσα θε)σ, e, α)λλὰ) ε(αυτο)ν ε)κε)νωσεν μορφ)ν δου)λου λαβω)ν, ε)ν ο(moiw/mati a)nqrw/pwn geno)menoι. Os termos importantes para a compreensão criteriosa desses dois versículos são aqueles que possuem uma explícita menção de status ontológico: μορφῆς, ὑ(πα)ρξων, α(ρ)παγο)ν

e o(moiw/mati. Segue, portanto, considerações acerca dos seus significados: 1) morf\$=: forma, indicando tanto caráter essencial como figura, sugere imutabilidade, em contraste com sxh/ma (semelhança exterior efêmera)<sup>11</sup>. 2) u(pa/rxwn: começar; sair do fundo; nascer, resultar; ser o fundamento, existir anteriormente; dominar sobre<sup>12</sup>. (realmente) existir; estar presente; pode ser um substituto de eiÅnai<sup>13</sup>; Ser iniciador; dar início; estar na base; ser colocado (antes) como fundamento; estar pronto, disponível<sup>14</sup>. A etimologia da palavra u(pa/rxwn aponta para duas palavras: u)po\ e o radical arx-, ou seja, a preposição “sob, abaixo, debaixo” e o radical do qual se originou a palavra a))/rxwn (líder, governante, príncipe); a)rxh/ (princípio, começo); a)rxai\koj (velho, antigo); a)rxiereu/j (sumo sacerdote). u(pa/rxwn significa “eu estou por baixo” (como um alicerce, um apoio)<sup>15</sup>. 3) a(rpagma\on: prêmio, presa, bem ou privilégio avidamente agarrado<sup>16</sup>. Presa; objeto de rapina; coisa rapinada<sup>17</sup>. Algo a ser conseguido, ou grandemente desejado, prêmio, algo a que se aferrar<sup>18</sup>. 4) o(moiw/mati: Semelhança, o mesmo, comum, geral<sup>19</sup>. Igual a<sup>20</sup>.

A partir de tais considerações, é possível perceber que antes do esvaziamento, Jesus estava na seguinte condição: e)n morf\$= qeou= u(pa/rxwn, e a expressão seguinte afirma o ser ele igual a Deus: eiÅnai iÅsa qe%=. A palavra morf\$= aparece no versículo 6 e no verso 7: morfhn\ dou/lou. Basevi destaca que o termo morf\$= está relacionado à condição ontológica, tendo sido sugerido como sinônimo de *ousia*, a exemplo da filosofia grega de Platão e Aristóteles<sup>21</sup>. Entretanto, o uso do termo em grego *koiné* deve ser observado tanto à luz da LXX quando à luz dos termos afins no próprio idioma do NT: morfou=mai, su/morfoj, morfi/zomai, metamorfou=mai. Esses termos sugerem a ideia de condição própria em termos de essência, o que se é realmente. Essa hipótese se sustenta quando observada a palavra u(pa/rxwn, que indica um modo de ser real, ou realmente existir, estar por baixo como fundamento, bem como pelas expressões ou)x a(rpagma\on e e(auto\n e)ke/nwsen, que indica o

<sup>11</sup> TAYLOR, 2001, p. 139.

<sup>12</sup> PEREIRA, [s.d], p. 124.

<sup>13</sup> GINGRICH, DANKER, 1993, 191

<sup>14</sup> RUSCONI, 2003, p. 468-469.

<sup>15</sup> METZGER, PINTO, 1996, p. 213.

<sup>16</sup> TAYLOR, 2001, p. 229-230.

<sup>17</sup> RUSCONI, 2003, p. 24.

<sup>18</sup> GINGRICH, DANKER, 1993, p. 31.

<sup>19</sup> PEREIRA, [s.d] p. 89.

<sup>20</sup> METZGER, PINTO, 1996.

<sup>21</sup> BASEVI, 1998, p. 456.

esvaziamento e oferece sentido à ideia de *morfō* estar relacionada a uma condição de ser real e profunda<sup>22</sup>.

É neste ponto que questiona se é possível mencionar a consubstancialidade (termo conciliar) de Jesus com o Pai, pelo menos a partir do que está patente nos vocábulos paulinos. Percebe-se que há uma forte conexão entre as declarações de Calcedônia, pois o *εὐμορφος* indica a condição imutável de Deus, e as expressões *ὁμοιωμάτι*, *ἁνθρωπίνου* e *μορφῆς* confirmam o status real de ser humano referente a Jesus: “o mesmo perfeito em divindade, o mesmo perfeito em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”. Nota-se que se pode encontrar no texto de Paulo um fundamento para a declaração de Calcedônia, pelo menos na análise feita a partir da definição dos dicionários de grego. De igual modo, a interpretação que fizeram sobre Nestório sugeria que ele defendia a existência de duas pessoas distintas e paralelas, o que se combate nessa sentença de Calcedônia.

Quando a declaração do concílio afirma que Jesus é “em tudo semelhante a nós, exceto no pecado; gerado antes dos séculos pelo Pai segundo a divindade, e o mesmo nos últimos dias (gerado) por nós e para a nossa salvação”, mais uma vez, pode-se recorrer à forma *εὐμορφος*, que aponta para a eternidade, estando no princípio, como fundamento, conforme a análise do vocabulário; ou seja, “antes dos séculos”. Há alguma expressão no texto de Filipenses que não foi abordada na análise vocabular, mas que se relaciona intrinsecamente à sentença soteriológica de 451 “para a nossa salvação”; é a expressão: *σταυρώσασθαι*. Jesus participou inclusive da morte que é o destino do ser humano; e a morte foi de cruz. Está implícita na expressão “morte de cruz” a soteriologia paulina, ou que não se pode discursar extensamente neste trabalho. Ao longo de suas epístolas, Paulo menciona a centralidade da cruz na reconciliação, como poder de Deus para a salvação, como o lugar em que Jesus despojou os principados e potestades.

A preexistência de Jesus e a sua igualdade ontológica com Deus recebem maiores implicações teológicas a partir do termo *ἀπαρχή*. Ele não se encontra na LXX e nem em outro lugar no NT, e possui o sentido de guardar, arrebatado algo, considerar ferrenhamente algo. Ao se questionar sobre o que Jesus não considerou como

---

<sup>22</sup> BASEVI, 1998, p. 457.

a(rpagmo\n, Basevi sugere que a resposta é: to\ eiÅnai iÅsa qe%=, a sua condição divina<sup>23</sup>. Nota-se, no entanto, que em nenhum momento é possível afirmar que Jesus abriu mão da sua condição divina. A melhor forma de se compreender tal expressão é tendo em mente que ele não usou para si próprio a sua condição de Deus, ou que não veio à terra apegado àquilo que ele era para ser usado em benefício próprio. Jesus não deixou de ser Deus. O fato de não usar os seus atributos divinos não desqualifica a sua condição de consubstancial com o Pai. Jesus, de acordo com essa análise, é Deus de fato. O “não querer se apegar à sua condição divina como um prêmio”, ou)x a(rpagmo\n, sugere que o ato voluntário de se esvaziar, e(auto\n e)ke/nwsen, indica humildade e abnegação que foram seguidas pelo serviço, morfhn\ dou/lou labw/n; e comunhão genuína, de igual para igual, em essência, em identidade, com a humanidade, e)n o(moiw/mati a)nqrw/pwn geno/menoj<sup>24</sup>. Esta é a voz do concílio de 451, ao afirmar a verdade presente na epístola paulina:

Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, único gerado, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação; a diferença das naturezas não sendo de modo algum suprimida por causa da união, a propriedade de uma e de outra sendo, antes, bem salvaguardada, e concorrendo a uma só pessoa e uma só hipóstase; um Cristo que não se fracciona nem se divide em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho, único gerado, Deus-Verbo, Senhor Jesus Cristo.

Enfim, vale destacar um elemento pertinente na sentença de introdução da declaração do quarto concílio: “segundo, pois, os santos Padres, ensinamos unanimemente que confessamos um só e mesmo Filho, nosso *Senhor Jesus Cristo*”. A confissão do senhorio de Cristo, conforme mencionada em Calcedônia, é destacada por Paulo através da expressão: kai/ pa=sa glw=ssa e)comologh/shtai o(/ti ku/rioj ))Ihsou=j Xristo\j: “e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor”. Na era apostólica, o termo “senhor”, fazia referência ao imperador; na boca de um judeu, contudo, o termo faz menção a “Adonai”. De acordo com essa segunda possibilidade, e ao se considerar o hebraísmo presente nos textos de autores do NT, Paulo dá a Jesus o mesmo reconhecimento do senhorio de Javé.

---

<sup>23</sup> Cf. BASEVI, 1998, p. 460.

<sup>24</sup> Cf. BASEVI, p. 1998, 458.

## **Conclusão**

Entre o duvidar e o crer, um salto; entre o crer e o duvidar, interrogações. Mas tais interrogações não derrubam aquilo que está sobre a Pedra na qual a igreja foi edificada. O concílio de Calcedônia deixa a sua marca na história da cristologia. Suas declarações afirmam a real condição de Jesus como homem e como Deus, doutrinas que não apenas foram resguardadas pela tradição da igreja, mas também podem ser encontradas no texto da Escritura. Naturalmente, por questões de linguagem, a exata significação do termo do ponto de vista filológico pode apresentar variações, mas ainda assim, o teor do que se afirma em Filipenses e o que se afirma em 451 não possui discrepância. Antes, ratifica a tradição e a ação do Espírito tanto nos concílios como na Escritura.

Na complexidade da fé cristã, mora a coerência entre as partes: a Escritura e a tradição. Ou seja, há uma lógica intrínseca dada à religião pelas suas próprias bases. Em contrapartida, ao se pensar a fé cristã fora da complexidade, perguntas são levantadas, não a esmo, mas como uma preocupação nuclear tanto em relação à necessidade de tal dogma, quanto à sua origem e a forma em que ele se dá. Ou seja: é uma necessidade intelectual de articular a fé; e nada mais natural do que tentar fazê-lo através da linguagem.

No entanto, mesmo se se muda as bases, ainda assim a fé se mantém. A linguagem não circunscreve a fé, nem mesmo a nega. O nome, por mais que em algum momento possa suscitar uma ou outra discrepância, o Espírito que está por detrás do nome é maior do que o nome. A igreja é daquele é que verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Ele está presente; Ele é confessado. A linguagem se rende a Ele.

## Referências

BASEVI, Claudio. Estudio literario y teológico del himno cristológico de la Epístola a los Filipenses (Phil 2, 6-11). *Scripta Theologica*. Pamplona: Universidad de Navarra, p. 439-472, 1998.

FOSTER, Edgar G. *Christology and the Trinity: an exploration*. West Sussex: EMF Publishing, 2001.

GINGRICH, F. Wilbur. DANKER Frederick W. *Léxico do N.T. Grego/Português*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

GRILLMEIER, A. *Cristo en la tradición cristiana: desde el tiempo apostólico hasta el concilio de Calcedonia (451)*. Salamanca: Sigueme, 1997.

HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia e filosofia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LEÃO MAGNO, Papa. *Tomus ad Flavianum*. (Traduzido e disponibilizado em aula pelo Prof. Dr. Massimo Pampaloni, no dia 13/9/2013), 449.

METZGER, Bruce; M. PINTO Carlos Eduardo Cardoso. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 7.ed. [s.l.] Livraria Apostolado da Imprensa.[s.d]

RIBEIRO, Clarita Sampaio Mesquita. *Mysterium Paschale: a quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RUSCONI, Carlos. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

RYRIE, Charles. *Teologia básica ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SESBOÛÉ, B. *História dos dogmas 1: O Deus da salvação*. São Paulo: Loyola, 2002.

STEAD, Christopher. *Philosophy in Christian Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 10.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2000.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2001.